



1º DE MAIO

125 ANOS DE LUTA PELA VALORIZAÇÃO DO TRABALHO, CONTRA O CAPITAL

Mais uma vez vamos comemorar o DIA DO TRABALHADOR, saindo à rua. Que seja um 1º de Maio de luta, em memória dos trabalhadores de Chicago que foram vítimas da repressão policial violenta no dia 1 de Maio de 1886, quando faziam greve por um horário de trabalho de oito horas. Vamos comemorar como o fizeram os trabalhadores portugueses e de outros países em 1890, nesta mesma data, seguindo a orientação do Congresso da II Internacional, que se reunira em Paris a 14 de Julho do ano anterior, primeiro centenário da Revolução Francesa.

Hoje a data é comemorada em quase todo o mundo e só em raros países não é feriado, entre os quais os Estados Unidos da América, afinal onde se deram os acontecimentos sangrentos. Hoje os trabalhadores portugueses já não lutam pelo limite das oito horas diárias, como ainda acontecia na década de 60 do século passado, mas a exploração dos trabalhadores continua, agora sob formas mais sofisticadas, a coberto de uma crise de que não têm culpa, uma crise que é consequência da crise mundial do capitalismo (mais uma), agravada pelas medidas recomendadas/impostas pela *tróika* FMI-BCE-UE

Nos últimos anos os trabalhadores portugueses têm sofrido uma brutal desvalorização do trabalho e perda de poder de compra como não sentiam há muito; hoje o desemprego é devastador, particularmente o desemprego dos jovens, calculado em mais de 40%, muitos deles com qualificações académicas de nível superior, crescendo que mais de oitenta mil a auferir salários inferiores a 600 euros e, em muitos casos, em actividades que nada têm a ver com as suas formações escolares e contratados por períodos curtos.

Hoje há falta de pessoal em organismos da Administração Pública Central essenciais para a actividade económica e para população, como os do Serviço Nacional de Saúde, as escolas do ensino público, a Segurança Social, faltam juízes e oficiais de justiça nos tribunais, falta uma centena de inspectores de trabalho para fiscalizar as condições de trabalho nas empresas; faltam enfermeiros em centros de saúde e hospitais e temos milhares de enfermeiros desempregados, muitos deles emigrando.

Hoje também emigram médicos, engenheiros, arquitectos, cientistas, e outros trabalhadores especializados, por falta de perspectivas de emprego, ou de carreira, ou simplesmente para procurar salários que compensem e por dignificação da profissão.

Hoje temos jovens bolseiros de investigação científica desistindo da carreira por instabilidade de emprego e de pagamento das bolsas, apesar de baixas, e por não lhes ser reconhecido a qualidade de produtores de conhecimento científico.

Hoje assistimos a uma sangria de quadros para os países ricos, quadros que seriam muito úteis para o crescimento económico e o desenvolvimento do país se tivéssemos um governo que acautelasse o interesse nacional.

Tudo também por causa de um Memorando de Entendimento com a famigerada *tróika* em 2011, que já causou a falência de milhares de empresas, representando milhares de postos de trabalho, muitas delas emprego de famílias inteiras e emprego principal em muitas pequenas cidades e vilas portuguesas. Mas que outros resultados seriam de esperar de uma prática neoliberal de décadas? E que outros resultados se podem esperar nos anos próximos se se concretizarem mais privatizações como a da CARRIS e da TAP, aliás um projecto antigo do PS?

É urgente pôr um ponto final nas políticas neoliberais, que têm empobrecido os trabalhadores e o país. É inadiável lutar por uma política que retome os ideais da Revolução de Abril, uma política de rotura com os privilégios ao capital à custa dos salários, dos cortes nas pensões e ataques aos direitos dos trabalhadores. É urgente retomar o caminho para o socialismo, indicado pela Constituição da República Portuguesa, “metido na gaveta” há anos.

**QUADROS TÉCNICOS E TRABALHADORES INDIFERENCIADOS,
TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DO SECTOR PRIVADO:
A MESMA LUTA! A LUTA É DE TODOS OS ASSALARIADOS.**

Lisboa, 29 de Abril 2015